

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Inês Cristina Tyska Nunes

**COMO UM PROCESSO DE INTERCÂMBIO ENTRE ALUNOS DE
DIFERENTES ESCOLAS PODE CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA COOPERAÇÃO?**

Porto Alegre

2010

INÊS CRISTINA TYSKA NUNES

***COMO UM PROCESSO DE INTERCÂMBIO ENTRE ALUNOS DE
DIFERENTES ESCOLAS PODE CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA COOPERAÇÃO?***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Ma Beatriz Corso Magdalena
Co-orientadora: Tutora Ma Simone Ramminger

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

RESUMO

Este trabalho relata a experiência de um intercâmbio realizado entre duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, em escolas públicas na cidade de Alvorada, RS. O trabalho foi desenvolvido no período de abril a junho de 2010 durante o estágio curricular supervisionado do curso de graduação em Pedagogia - Modalidade à distância (EAD) da Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS). Esta experiência mostra como um processo de intercâmbio entre alunos de diferentes escolas pode contribuir para o desenvolvimento da cooperação. O elo deste intercâmbio foram duas caixas, cada construída coletivamente pelos alunos e professora de cada turma. Os alunos colocaram durante algumas semanas fotos, bilhetes, vídeos e atividades desenvolvidas dentro da caixa e após as mesmas foram trocadas. Os resultados deste intercâmbio evidenciaram uma cooperação intensa interna e externa, decorrente da autonomia e flexibilidade das escolhas do material a ser produzido e enviado. Em todo o processo de intercâmbio, criaram uma interação entre alunos que tinham em comum o início da vida escolar e como diferenças enriquecedoras as de pertencerem a escolas diferentes, bairros diferentes, realidades diferentes e grupos sociais diferentes.

PALAVRAS CHAVES: Cooperação; interação; trocas cognitivas; colaboração; reciprocidade.

*Dedico este trabalho ao meu filho
amado Guilherme*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças e de iluminar meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida;

Aos meus pais, pelo carinho e apoio dispensados em todos os momentos, principalmente por minha mãe por ser tão dedicada e amiga, por ser a pessoa que me apóia e acredita na minha capacidade, meu agradecimento pelas horas em que me ajudou quando mais precisei, nunca esquecerei. A minha irmã Cláudia pelo apoio e carinho que recebi.

Agradecer especialmente a duas pessoas que amo muito e que foram essenciais para a conclusão deste sonho: meu filho Guilherme e meu marido Luis Fernando. Filho amado obrigada pela compreensão das horas que passei longe de ti és o amor de minha vida. E meu marido Luis Fernando, que sempre ao meu lado, sem hesitar. Surgiu em minha vida e juntos crescemos, lutamos e construímos uma família linda baseada no amor e respeito. Que dividiu comigo a sua história, e me ajudou a construir a minha; hoje mais do que nunca, somos um, sem você eu não chegaria aqui. Eu te amo!!!

Agradeço a todos os amigos da Escola João Goulart, destacando as companheiras e irmãs de coração Luisa, Cláudia, Ana Botelho, Cristiane e Daniela, pelo carinho, apoio e acima de tudo pela amizade. Não posso deixar de agradecer duas amigas que também apoiaram-me muito e que tenho um carinho enorme: Adriana Teló e Sandra Helena, obrigada por tudo.

À professora e orientadora Beatriz Corso Magdalena, pela dedicação e carinho na orientação do TCC, pelo seu incentivo na construção do saber, pela partilha, por sua disponibilidade e sabedoria. E a querida tutora Simone Ramminger pelo apoio e incentivo.

E a todos que de alguma forma contribuíram para eu atingisse esse objetivo e não são citadas neste trabalho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Contexto do Problema.....	9
1.2 Questões de Investigação.....	10
1.2.1 Questão Principal.....	10
1.2.2 Questões de Trabalho.....	10
1.3 Referencial Teórico.....	11
1.3.1 Identidade.....	11
1.3.2 Trabalhar em cooperação.....	13
1.3.3 O Papel do Professor.....	16
1.3.4 Inovação na Prática Educativa.....	18
1.3.5 Uso das Tecnologias.....	20
2 DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA	22
1.1 A Escola e sua infra-estrutura.....	22
1.2 Sujeitos.....	23
1.3 Avaliação.....	23
1.4 Desenvolvimento e Análise da Prática.....	24
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES	33
Apêndice 1.....	33
Apêndice 2.....	34
Apêndice 3.....	37
Apêndice 4.....	39
Apêndice 5.....	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como base de estudos o desenvolvimento de ações pedagógicas durante o Estágio Curricular para a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse estágio foi realizado em uma escola pública na cidade de Alvorada, numa turma de 1º ano do Ensino Fundamental, envolvendo 31 alunos de 6 a 8 anos, entre os meses de abril e julho de 2010.

A proposta pedagógica da escola para esse ano é a de trabalhar o tema "Viver e Conviver na Diversidade". Esse grande tema foi dividido em dois focos: no 1º semestre com o foco "Quem Sou Eu? Autoestima, Limites, Respeito, Construir Regras de Convivência" e, no 2º semestre, "Quem Somos? Diversidade Nacional e Mundial".

A escola onde realizei o estágio não possuía laboratório de informática, por isso o uso das novas tecnologias ficou restrito. Em função disso, busquei outras formas de trabalhar inovadoramente a questão das identidades. Uma forma pareceu promissora: estabelecer, com uma colega de outra escola que trabalhava com a mesma série, um intercâmbio entre alunos das duas escolas. Para concretizar esse intercâmbio, combinamos que cada professora e seus alunos estruturariam a construção de uma caixa com material que eles selecionassem como suas melhores produções e definiriam como iriam utilizar os recursos de tecnologias disponíveis (máquina fotográfica, data show, computadores, scanner, impressora, etc.) Foi determinado o período de um mês para coleta, organização e montagem da Caixa e quatro semanas para a troca das Caixas.

O envolvimento dos alunos foi muito grande, pois puderam discutir, aproveitar, relacionar, comparar e avaliar os trabalhos vindos de outra turma. Ao mesmo tempo, foi uma oportunidade de conhecer outras crianças e suas produções e com elas, construir, comunitariamente, seus próprios conhecimentos.

Este intercâmbio foi uma concepção de aprendizagem, inicialmente colaborativa que indicou caminhos para um processo qualitativamente superior que levou à cooperação.

No referido trabalho serão abordados também, questões relativas a: experiência e a importância de educar para a cooperação; ludicidade na prática educativa; o papel do professor no processo de cooperação e o uso ou não da tecnologia nesse processo.

1.1 Contexto do Problema

A proposta de trocar caixas com a produção dos alunos pretendia criar uma interação entre alunos que têm em comum o início da vida escolar e como diferenças enriquecedoras as de pertencerem a escolas diferentes, bairros diferentes, realidades diferentes e grupos sociais diferentes.

Para a elaboração da caixa, os alunos uniram-se em grupos para eleger o que enviar para a outra escola para que tivessem mais elementos para nos conhecer assim como a nossa escola. Essa preocupação aumentou as possibilidades de troca e reciprocidade, nas quais ficou evidente a diversidade de materiais ligados a diferentes identidades, o fator ludicidade e a presença de colaboração e cooperação no processo.

Durante o intercâmbio entre as turmas, ficou evidenciada uma grande troca entre os alunos, que utilizaram toda sua criatividade e concentração na construção de bilhetes, cartas, cartazes e vídeos, garantindo um processo de conhecimento das identidades dos dois grupos. Os alunos davam e pediam sugestões sobre o que colocar na caixa, como por exemplo, colocar uma foto da turma trabalhando na sala de aula ou de colocar bilhetes carinhosos para os colegas da outra escola.

Durante a troca e análise dos materiais recebidos, os alunos debateram, compararam atividades, fotos e vídeos, encontrando diferenças e semelhanças entre a nossa escola e sala de aula com a outra escola.

Esse material assim como a análise da experiência e a importância de educar para a cooperação, para aprender em grupo, para trocar ideias, realizar pesquisas em conjunto, o papel do professor e do uso da tecnologia nesse processo, configuram o contexto onde se encaixa a questão fundamental desse estudo.

1.2 Questões de Investigação

1.2.1 Questão Principal

“Como um processo de intercâmbio entre alunos de diferentes escolas pode contribuir para o desenvolvimento da cooperação?”

1.2.2 Questões de Trabalho

A partir da questão investigadora principal, o presente trabalho abordará questões como:

- Qual a importância do tema **identidade** dentro da sala de aula, sendo o ponto de partida para o intercâmbio?
- Como **trabalhar em cooperação** num processo de intercâmbio entre escolas diferentes?
- O que é cooperação?
- Para que trabalhar a cooperação?
- Durante o intercâmbio entre as turmas qual foi o **papel do professor** de cada turma? Foi um mediador? No que o professor contribuiu neste processo?

- Podemos considerar que houve exploração de uma prática inovadora? Como foi essa **inovação na prática educativa**?
- Como seria o processo de intercâmbio se tivesse esse acesso aos **TICS**? Que outras práticas poderiam ter sido exploradas?

1.3 Referencial Teórico

Para iniciar essa discussão, julgo importante trazer uma reflexão sobre questões abordadas neste trabalho, tais como: identidade, cooperação, papel do professor, inovação na prática educativa e o uso das novas tecnologias na educação, associando-as às teorias referentes ao tema.

1.3.1 Identidade

Desde a antiguidade, o homem discute o conceito de identidade, sendo que a mesma é montada através de características pessoais. Assim, quando nos percebemos como sujeitos únicos e percebemos semelhanças e distinções no outro, parece ficar mais clara a conceituação de identidade. Há diversas concepções de como a identidade se monta, desde as que atribuem a questões internas, até aquelas que atribuem ao convívio social a função de contribuir decisivamente na formação da identidade. Acredita-se, portanto, que não se pode deixar de levar em consideração que durante a vida são desempenhados diversos papéis, tais como: filho, pai, mãe, aluno, empregado, e que a personalidade, conseqüentemente, não é fixa, adaptando-se a um determinado papel social em um determinado momento.

A cada experiência vivida, seja ela frustrante ou alegre, o indivíduo constrói mais um pouco da sua identidade, através da interação que tem com o meio em que vive e seu contato direto com os valores construídos durante seu desenvolvimento.

Essa construção da identidade dá-se em todos os segmentos no convívio social e de forma significativa dentro do ambiente escolar. Portanto, cabe ao professor propiciar e incentivar momentos para que o educando exponha suas ideias, tornando as relações professor-aluno e aluno-aluno mais democráticas e produtivas para essa construção.

Segundo Freire (1993, p. 94-95)

Fica clara a importância da identidade de cada um de nós como sujeito, educador ou educando, da prática educativa. E da identidade entendida nesta relação contraditória, que somos nós mesmos, entre o que herdamos e o que adquirimos (...)

Com a formação de sua identidade, o indivíduo vai realizando suas leituras do mundo, através da leitura do espaço e tempo, o qual traz em si todas as experiências suas e da vida de outras pessoas.

Assim, a partir da realidade do aluno, ou seja, da compreensão da sua linha de tempo e de suas características e conhecimento pessoais, o professor poderá elaborar situações que favoreçam a continuidade da construção de sua identidade. Nesse processo, alguns conceitos são importantes: cooperação, autonomia, reciprocidade, respeito, confiança e criatividade.

É importante salientar que a realidade está presente de forma decisiva na educação do indivíduo. Porém, temos que ter sensibilidade de trabalhar no sentido de que todos compreendam que essa realidade apenas influencia nossa formação e nunca age de forma determinante.

Sabe-se que o conhecimento não é lógico e estático e que a construção do mesmo se dá de forma dialógica. Isso significa que, quando o diálogo e conseqüentemente a contradição se fazem presentes, podemos observar que o mesmo flui através da troca de experiências.

A compreensão do contexto em que está inserido torna mais fácil para o aluno a tarefa de construir sua história e de conseguir ver-se como um cidadão atuante na construção do espaço e tempo em que vive. Nesse processo, o papel do professor como mediador é fundamental.

Um dos papéis mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e de todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1999, p. 46).

Em síntese, trabalhar o tema identidade com as crianças é importante, pois as mesmas vão conhecendo-se, através de vivências, discussão de atitudes tomadas ou apresentadas, transformações e valorizações, no seu crescimento afetivo, social ou familiar.

1.3.2 Trabalhar em Cooperação

A interação está vinculada à cooperação, como também a formação de laços afetivos e de reciprocidade entre os educandos no processo de aprendizagem.

Qual é o significado de cooperar?

Para Piaget (1973, p. 105),

... cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar por meio de novas operações (qualitativas ou métricas) de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as ações executadas por cada um dos parceiros.

Para cooperar é necessário compreender o outro, dar sua opinião, aceitar outras opiniões, ter respeito e ser respeitado (respeito mútuo). Nesse processo de operar com o outro, a colaboração, solidariedade e, sobretudo, a reciprocidade são características fundamentais para que a cooperação aconteça.

Nas relações de cooperação, é preciso que todos compreendam as regras que envolvem o processo, principalmente a de respeitar e contrapor-se a opinião do outro. Como cita La Taille (2002)

[...] Justamente a idéia de cooperação, oposta à de coação (...) vale dizer que as diferenças individuais serão sempre vistas como inadequações parciais em relação à norma comum. Na coação trata-se, portanto, de “fazer como os outros”, seguindo-se o critério da semelhança. Na cooperação, no entanto, o critério é outro: é o da reciprocidade, o que não significa fazer “igual ao outro”, mas sim, coordenar o ponto de vista próprio com o ponto de vista do outro (p. 61).

Cabe salientar que antes de respeitar a opinião do outro é preciso se respeitar, só assim o indivíduo poderá aceitar e reconhecer a convivência com o outro. A esse respeito diz Maturana (1993a, p. 69):

O ser humano não é um ser político; ele é um animal cooperador. Mas a cooperação só acontece com a aceitação do outro. Em relação de dominação e submissão não há cooperação, há obediência, há submissão. A cooperação existe como fenômeno somente no espaço em que a relação em que os participantes surgem como legítimos.

Assim, respeitando-se mutuamente e reconhecendo-se como identidades diversas, a cooperação poderá brotar no processo de interação e colaboração entre os indivíduos, favorecendo a construção do conhecimento. Pode-se afirmar que cooperação e educação são práticas que se inter-relacionam e até mesmo se confundem. Dessa forma, quando se coopera está se educando e participando da educação dos outros, potencializando os resultados da aprendizagem, baseados, principalmente, na subjetividade das relações humanas.

Vygotsky (1987, p. 17) refere que

A colaboração entre pares durante a aprendizagem pode ajudar a desenvolver estratégias e habilidades gerais de solução de problemas através da internalização do processo cognitivo implícito na interação e na comunicação.

Esse mesmo autor fala sobre a construção do conhecimento como resultante de uma interação envolvida por várias relações, pela intervenção feita por outros sujeitos, que pode ser por meio de objetos, da organização do ambiente e do intercâmbio cultural que rodeia o indivíduo.

Nessa mesma direção, os PCN'S¹ de História afirmam que um dos objetivos do Ensino Fundamental é

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (BRASIL, 1998, p.5).

¹ PÂRAMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Trabalhar em cooperação significa também trabalho em grupo, trocas colaborativas e operativas entre pares. No caso da sala de aula, trabalhos cooperativos são muito interessantes, necessários e difíceis de serem levados a cabo. Conforme os PCN's

(...) Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade. A criação de um clima favorável a esse aprendizado depende do compromisso do professor em aceitar contribuições dos alunos (...) e em favorecer o respeito, por parte do grupo, assegurando a participação de todos os alunos (BRASIL, 1997, p.63).

Ao trabalhar em grupos, os alunos deixam de pensar somente no "EU", pois em grupo precisam partilhar, aceitar opiniões e interagir com os seus colegas, construindo, assim, conceitos coletivamente. O grupo destaca-se como um espaço de diálogo, reciprocidade, convivência, partilha de conhecimentos e sentimentos.

Ainda como elementos potencializadores da cooperação parece importante lembrar que

...o trabalho seja centrado em dúvidas, indagações, interesses e necessidades dos alunos em função das hipóteses que levantam sobre a realidade.... Que o processo de aprendizagem seja desenvolvido mediante processos ativos e construtivos, tais como: projetos de aprendizagem cooperativos entre grupos de uma mesma turma, de diferentes turmas da escola ou de outras comunidades escolares (MAGDALENA, 2005, p.51).

Parece-nos que todos os fatores indicam que, se essa relação de consciência coletiva ultrapassar os limites da sala de aula, relacionando-se com outros grupos - da forma como foi realizado o intercâmbio entre as escolas em meu estágio - a capacidade de percepção e modificação da realidade através da resolução de problemas atingirá um estágio de cooperação muito próximo do que Maturana (1997) classifica como autopoiese².

1.3.3 O papel do professor

² Segundo Maturana um sistema autopoietico apresenta-se como auto-sustentável, capaz de produzir as alternativas necessárias para sua sobrevivência, tal como o organismo humano. Teoria essa que foi inserida posteriormente por outros autores no meio social.

Qual seria o papel do professor dentro deste processo de intercâmbio entre turmas? Ser um professor mediador?

O professor mediador é aquele que auxiliaria no encontro dos elos entre o conhecimento e os alunos. Teria que ter a consciência de que a educação de todos professores e alunos, se dá não apenas dentro do ambiente escolar, mas fora do mesmo também.

Nas turmas em que o professor atua como mediador e provocador dos processos de aprendizagem dos alunos, cabe a ele fazer uma relação equilibrada entre o que o aluno já sabe, suas experiências, vinculando-as ao currículo, seja ele formal ou não. Ele participa dos processos interativos, de forma a influenciar e não determinar a construção do conhecimento, sendo que cada educando o faz de forma particular, de acordo com sua capacidade e limitações. É indispensável que tenha a consciência de que todos são seres inacabados e que o processo de construção de cada um não se dá de forma unilateral e sim pela interação e que, por ela, se está oferecendo e recebendo a base necessária para formação intelectual e social individual e coletiva.

Desta maneira, Freire (2004) afirma que:

[...] o educador já não é mais aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa(...) E ninguém educa ninguém e tão pouco educa a si próprio: os homens educam em comunhão mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática bancária, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (p.68).

Assim, respeitar o conhecimento prévio que os educandos trazem é condição fundamental para o planejamento e organização das propostas e estratégias a serem desenvolvidas no trabalho em sala de aula. O conhecimento que o aluno traz é o ponto de partida para qualquer planejamento, onde o professor precisa estar atento e não esquecer que precisa ser um pesquisador também.

De acordo com Freire (1999, p. 32),

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta a ensinar. Faz parte da natureza da prática docente

a indagação, a busca, a pesquisa [...] Pesquisa para constatar, constatado, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Partindo do que o aluno traz, o professor pode planejar e propor atividades para a construção do conhecimento e assim dar oportunidade para este crescimento.

A relação entre professor e aluno, também é importante, pois é o elo condutor da construção do respeito mútuo, da reciprocidade e da cooperação.

A principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento (LÉVY, 1999 p. 171).

Freire (1999) diz ser imprescindível que haja no processo de ensino-aprendizagem o que chama de “bem querer” ao aluno. É importante salientar que, quando Freire se refere a isso, não pretende afirmar que o professor deva nutrir o mesmo sentimento de ternura a todos os alunos de forma igual, mas sim que não se sinta intimidado ao incluir afetividade na relação com os educandos, que não se torne um simples transmissor de conhecimento e que tenha a noção da questão ontológica³ da educação. O professor não pode somente pensar no cognitivo, precisa pensar também no afetivo, pois ambos são indispensáveis para a aprendizagem. Assim, segundo Freire, os professores devem incentivar o diálogo no ambiente escolar, estar aberto a ouvir e entender seus alunos, não temer o fato de um sorriso ou gesto de afetividade como abertura para uma falta de autoridade. E como ainda afirma:

(...) como professor, não me acho tomado por outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e a própria prática educativa de que participo. (...) não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual (...) (FREIRE, 1999, p. 36-37)

O professor precisa oferecer um ambiente onde o aluno possa perguntar, questionar e sentir-se desafiado e que possa interagir com novas situações e encontre a resposta para suas dúvidas, apropriando-se assim de novas aprendizagens. Para Maturana (1993, p.32)

³ Ver o aluno como um ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos.

a tarefa do educador é criar um espaço de convivência para o qual se convida o outro, de modo que o outro esteja disposto a conviver conosco, por certo tempo, espontaneamente. E nessa convivência, ambos, educador e aprendiz, irão transformar-se de maneira congruente.

O professor deve proporcionar um ambiente lúdico, onde ele possa interagir com seus alunos, proporcionando condições para que os mesmos possam explorar, descobrir, experimentar e, sobretudo aprender de forma cooperativa e desafiadora.

1.3.4 Inovação na prática educativa

Como inovar a prática educativa?

As atividades são lúdicas quando propiciam ação, raciocínio e alegria, estimulando assim a criatividade e a espontaneidade. Pode ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade como atividades de recorte e colagem, pintura, teatro, entre outras. É importante ter presente que,

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança (KISHIMOTO, 1994, p. 22).

A curiosidade desperta a atenção do aluno e faz o mesmo usar a imaginação, criando maneiras de interagir na construção do conhecimento. Através do lúdico o aluno brinca, experimenta, inventa e aprende, estimulando ainda sua curiosidade, atenção e concentração.

Portanto, para facilitar a aprendizagem é importante criar um ambiente alfabetizador com as características mencionadas acima, tornando a sala de aula um lugar de trocas e interação.

Ambientes de aprendizagem assim, caracterizam uma inovação da prática educativa. É interessante que essas condições estejam presentes diariamente, onde o professor utiliza o lúdico, buscando alternativas dentro de sua realidade para planejar aulas atraentes e prazerosas aos seus alunos, buscando sempre mesclar o brincar, o jogar com os objetivos que pretende alcançar.

De acordo com Moraes (2000, p. 23):

[...] a realidade da pedagogia dos meios modernos, cuja interação professor–aluno–informação deverá levar o indivíduo a aprender a pensar, a aprender a antecipar, a aprender a cultivar o espírito crítico e criativo, para que ele possa sobreviver num mundo onde inúmeras informações estarão disponíveis, e que precisam ser criticamente avaliadas, para serem transformadas em conhecimentos.

Trabalhando com o lúdico, o professor estará promovendo a interação na sala de aula, propondo atividades dinâmicas e desafiadoras e estará despertando, também, a curiosidade em aprender. Além disso, o aluno aprende a trabalhar em grupo e interagir com o outro, respeitando regras de jogo e a opinião do colega.

Kishimoto (1999, p. 110) afirma que:

Brincando as crianças aprendem a cooperar com os companheiros, a obedecer às regras do jogo, a respeitar os direitos dos outros, a acatar a autoridade, a assumir responsabilidades, a aceitar penalidades que lhes são impostas, a dar oportunidade aos demais; enfim, a viver em sociedade.

A cooperação está presente na ludicidade também, pois na brincadeira precisa ter reciprocidade e respeito. Assim, por exemplo, ao aceitar as regras do jogo e ajudar o outro no momento que não conseguir compreender estará colaborando e cooperando. Como diz Rego (2003, p.131)

Brincando a criança consegue introduzir-se na cultura dos grupos com os quais interage e nela atuar estabelecendo trocas; apropriar-se de noções ou conceitos dos quais ainda não tinha se apropriado de todo.

A tecnologia entra nos dias de hoje como uma inovação na prática, pois aumenta as possibilidades de pesquisar, experimentar, interagir de forma prazerosa e agradável na construção do conhecimento, em um processo individual de aprendizagem em íntima relação com os processos de interrelação com os outros.

1.3.5 Uso das tecnologias

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm como características fundamentais as de abrir possibilidades para a busca de informações, o registro do que foi pesquisado e lido e a construção colaborativa e cooperativa nos ambientes informatizados com possibilidades de interação.

O uso da tecnologia prepara o próprio professor para experimentar o novo, possibilitando que esse novo seja a-proporcionado aos seus alunos também.

Para utilizar as TICs, os professores precisam criar situações em que possam utilizar o conteúdo da aula e que, ao mesmo tempo, faça sentido para o aluno, tornando as produções escolares significativas.

A educação constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas idéias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1999, p. 96).

A prática docente precisa buscar novas formas de utilizar as TICs, conscientizando-se da importância dessa ferramenta no processo de ensino aprendizagem. Como cita Freire (2001b, p. 198):

Faço questão de ir me tornando um homem do meu tempo. Como indivíduo recuso o computador porque acredito muito na minha mão. Mas como educador, acho que o computador, o vídeo, tudo isso é muito importante.

O uso das TICs na educação, nos dias de hoje, possibilita ter uma nova visão da prática educativa, onde o professor deixa de ser a única fonte de informação e passa a oferecer novas oportunidades para que o próprio aluno possa interagir de forma mais atuante no processo ensino-aprendizagem. Acessar as tecnologias já não é mais o cerne da questão como diz Moraes (1998, p.6)

(...) o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas.

O professor precisa criar situações em que os alunos possam interagir com a tecnologia, procurando respostas para suas perguntas, questionando, pesquisando e assim construindo seu conhecimento. Nessas situações, o aluno

[...] vai construindo e reconstruindo o seu mundo, de acordo com as relações estabelecidas. Cria, recria e decide. Acrescenta algo de inovador. Gera construções coletivas. Torna-se um sujeito histórico. Faz cultura. Colabora com a evolução da humanidade (FREIRE, 1980, p.34).

Cabe aqui salientar que o novo não significa o uso das novas tecnologias como um meio de reproduzir as antigas metodologias. O professor precisa pesquisar e aperfeiçoar-se, criando uma maneira para melhor explorar as TICs, para que elas possam ser importantes ferramentas, enriquecendo e motivando a construção do conhecimento dos educandos.

2 DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA

Nesse capítulo será descrita e analisada a prática desenvolvida no meu estágio curricular, tendo como base o referencial teórico apresentado no capítulo anterior.

2.1 A Escola e sua infra-estrutura

O Estágio Curricular foi realizado em uma escola da rede pública estadual de Alvorada. Atualmente a escola conta com um número aproximado de 1350 (mil e trezentos e cinquenta) alunos, divididos em três turnos: manhã, tarde e noite.

O corpo docente é composto por 44 (quarenta e quatro) professores. Há profissionais atuando nos setores de Coordenação Pedagógica, Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Biblioteca, Xerox, Secretaria, Limpeza e Merenda, além da Equipe Diretiva.

A estrutura física da escola é constituída por 17 (dezesete) salas, sala e banheiro para professores e funcionários, espaços específicos para o serviço de orientação educacional, direção, secretaria, biblioteca, cozinha, refeitório, uma quadra sem cobertura e banheiros para os alunos.

A avaliação no processo escolar caracteriza-se como um processo contínuo, participativo, cumulativo e interativo. Os resultados da avaliação são expressos trimestralmente. Nos 1º e 2º anos, os resultados são expressos por pareceres descritivos. Não há retenção no 1º ano. A partir do 3º ano os resultados da avaliação são expressos através de pontos em uma escala de 0 (zero) a 100 (cem), tendo o primeiro trimestre o valor máximo de 30 (trinta) pontos, o segundo trimestre o valor máximo de 30 (trinta) pontos e o terceiro trimestre o valor máximo de 40 (quarenta) pontos, somando o total de 100 (cem) pontos.

2.2 Sujeitos

O Estágio Curricular foi realizado numa turma de 1º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, composta por trinta e um (31) alunos. A turma é formada por dezenove (19) meninas e doze (12) meninos.

Os alunos estão na faixa etária entre 6 (seis) e 7(sete) anos e a maioria iniciou sua vida escolar neste ano. Alguns não sabiam nem segurar o lápis ao iniciar o ano letivo. Os alunos desta turma são muito carinhosos e muito receptivos.

A sala fica no prédio novo da escola, localizada num lugar sossegado, sem muito barulho. A formação da sala em grupos ficava difícil devido à mesma ter pouco espaço para mais de 30 (trinta) alunos.

2.3 Avaliação

A avaliação é diária, onde o aluno é avaliado em todos os momentos e não é utilizada a prova como instrumento de avaliação.

Através da observação, o aluno é avaliado nas atividades realizadas, na construção de suas hipóteses e comprovação das mesmas assim como a forma que utilizou para encontrar determinada resposta.

A avaliação é realizada em forma de parecer descritivo, um meio de acompanhar o crescimento do aluno durante o ano, onde pode ser valorizado a cada avanço que teve, pois:

...uma avaliação inclusiva é aquela que é um instrumento para o ensino adaptativo, isto é, uma avaliação que facilita e promove a diversificação e a flexibilização das formas de ajuda educativa que os distintos alunos recebem ao longo de seu processo de aprendizagem (COLL; ONRUBIA, 1999).

Os alunos precisam ser avaliados na sua individualidade, pois cada um tem seu ritmo e o seu tempo. Assim, foi preocupação a de fazer avaliações sucessivas do planejamento em função dos resultados dos alunos e o grau de superação das dificuldades.

2.4 Desenvolvimento e Análise da Prática

O estágio curricular é a etapa mais aguardada num curso de graduação, pois é o momento de colocar em prática todo o conhecimento que foi construído ao longo dos semestres.

Devido a isto, desde o início, o estágio foi pensado como uma forma de trabalho pedagógico no qual a tecnologia pudesse ser utilizada como ferramenta na prática educativa. Como a escola em que realizei o estágio não tinha laboratório de informática, foi preciso planejar algo que inovasse e que, de certa forma, usasse um pouco das possibilidades que as ferramentas interativas como o wiki e o blog oferecem. Foi então que duas professoras estagiárias, de escolas diferentes, tiveram a ideia do intercâmbio. Precisava somente criar uma maneira em que as escolas conseguissem conhecer-se e trocassem materiais, sem o uso da tecnologia.

A partir de conversas e planejamentos surgiu a ideia da Caixa como elo deste intercâmbio⁴. A proposta foi desenvolvida partindo da identidade do aluno (eu, família, escola, comunidade) e tendo como intuito maior o de propiciar elementos para cada aluno conhecer seu corpo, ampliar conceitos de higiene e saúde, descobrir que existem indivíduos em outros meios, relacionando-se assim com outros sujeitos e com o ambiente onde vive.

Freire (1993) ressalta a importância de o indivíduo entender-se como sujeito atuante não esquecendo que por trás dos papéis sociais que exercem na prática educativa, sejam eles de educador ou educando, há toda uma visão de mundo baseados em valores adquiridos no meio em que vive.

A ideia da caixa foi explicada para os alunos, que a aceitaram com empolgação. O movimento deles passou a ser na direção do que poderiam fazer para colocar na mesma. Assim, ficou combinado que seriam colocadas na caixa fotos, cartas, produções e vídeos gravados por eles. Quando foi falado sobre os vídeos a euforia foi geral!

Alguns alunos diziam: “-Eu quero falar sobre o refeitório!”, “-Eu quero mostrar o pátio”!, enquanto alguns só riam.

A caixa foi então organizada por cada professora e ficou no fundo da sala de aula durante seis semanas. Os alunos foram desafiados a alimentar a caixa com

⁴ <http://inescristinaestagio.pbworks.com/ARQUITETURA-PEDAG%C3%93GICA>

evidências de suas aprendizagens, produções em diferentes linguagens demonstrando suas formas de representação no que tange a expressão corporal, gráfica, plástica, oral (fala e verbalização) e registros escritos.

Para a elaboração dos vídeos, os alunos foram divididos em grupos e cada grupo ficou encarregado de apresentar uma parte da escola, como a entrada, vice-direção, secretaria, refeitório, sala de aula e o pátio.

A caixa foi sendo construída durante seis semanas, com os alunos produzindo, diariamente, cartinhas, bilhetes dedicados aos coleguinhas da outra escola, como por exemplo, um aluno que desenhou um coração e dentro colocou seu nome, dizendo que mandaria para os coleguinhas. Alguns alunos pediam para a professora escrever para que pudessem copiar e colocar na caixa. A professora foi como uma escriba, pois os alunos ainda não sabiam ler e nem escrever.

Durante a produção do material para a caixa, os alunos seguidamente perguntavam: *“-Prô será que os amigos da outra escola vão gostar do meu desenho?”* ou *“- O que será que eles vão mandar para nós?”*

A construção deste vínculo de amizade e trocas que estavam compartilhando com outra escola se deu através dos resultados obtidos a partir de trabalhos derivados de materiais de apoio, tais como histórias de literatura infantil, canções, poesias, de materiais de uso social como revistas, jornais e imagens, entre outros. Esses materiais serviram como disparadores de atividades envolvendo a escrita individual, coletiva, em interação com as famílias, além da rica contribuição nas atividades de expressão oral.

Enquanto se trabalhava a identidade, o intercâmbio entre escolas surgiu como uma ideia para ampliar esta visão de mundo dos educandos, conhecendo a realidade de outra turma de primeiro ano, visando criar uma interação entre alunos que tinham em comum apenas o ano escolar, pois ambas eram de escolas, bairros e realidades diferentes. Partindo de sua história, os alunos puderam conhecer a história de outras crianças através do intercâmbio, percebendo diferenças e semelhanças entre elas.

Para aumentar o movimento de produção e de autoria de material para a caixa foram confeccionados dedoches, fantoches dos personagens de palitos de picolé, a partir de várias historinhas que envolveram o tema da caixa. Uma delas foi “A Caixa Maluca”, como foi relatado, em meu pbworks, na reflexão da 6ª semana (apêndice 1):

Escolhi a história "A Caixa Maluca" devido estarmos organizando uma caixa para os colegas da outra turma de 1º ano e de todos estarem ansiosos para abrir a caixa que virá da outra escola. Quando comecei a contar a história associava à caixa que receberemos, "o que será que encontraremos na caixa?" Como Paulo Freire disse "*Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino*", vi bem isto.

As histórias como "Uma Joanelha Diferente" (apêndice 2) e "Espantomigo"(apêndice 3), envolviam temas como cooperação, identidade e amizade, que funcionavam como um elo com o tema da caixa pois, a partir delas eram produzidas muitas atividades sobre os livros, que tinham o objetivo de trabalhar a identidade dos alunos e, ao mesmo tempo, ao serem enviadas, dar oportunidade para que os colegas da outra escola os conhecessem também.

Quando a caixa estava sendo finalizada, os alunos tiveram a ideia de colocarmos balões vazios dentro dela, para quando os colegas fossem abrir pudessem fazer uma festa⁵. Quando a caixa foi enviada (apêndice 5 – figura 1) a ansiedade foi grande, pois todos estavam curiosos para receber a caixa da outra escola.

Na 7ª semana, enfim, a caixa da outra escola chegou (apêndice 4) e os olhinhos brilhavam. A caixa da outra escola era "linda" (como falaram alguns alunos), toda colorida, cheia de fotos de alunos por fora (apêndice 5 – figura 2). Ficamos ansiosos para ver o que tinha dentro da caixa. Quando abrimos encontramos fotos, bilhetes, cartazes e um cd com filmagem realizada pelos alunos.

A cada cartinha lida e foto vista, os alunos comparavam materiais, encontrando semelhanças, como folhas e cartazes sobre o índio, aliás, atividade muito parecida que realizamos também e que mandamos para a outra escola na caixa. Os alunos compararam também nas fotos as máscaras que os alunos criaram e a sala de aula dos colegas.

Para finalizar a atividade foi montado, com o material que os colegas da outra escola enviaram, um mural com o título "*Nossos Amigos da outra escola*". O mural era de tecido TNT e foram colocadas fotos e cartinhas carinhosas que os alunos enviaram. Os alunos ajudaram a professora na confecção do mural escolhendo nos grupos o que colocar.

⁵ <http://inescristinaestagio.pbworks.com/Fotos-da-7%C2%AA-Semana#>).

Com este intercâmbio foi possível visualizar outras realidades melhorando práticas, houve possibilidade de troca, exploração de uma prática inovadora. Ao mesmo tempo para os alunos foi um momento de conhecer outras crianças e suas produções, onde construíram comunitariamente seu conhecimento (cooperação).

Observei que a cooperação foi o ponto chave do intercâmbio entre as duas escolas. Em cada uma delas, os alunos unidos organizavam materiais e vídeos para serem levados para a outra escola. Essa organização foi realizada em pequenos grupos, após apresentado para sua turma e colocado na caixa. Muitas vezes alguns alunos não sabiam exatamente o que mandar para caixa e os colegas davam sugestões e ajudavam. Como ficou claro, a troca acontecia além da caixa, mas dentro da sala de aula também.

A cooperação ficou evidente a cada momento na construção da caixa, onde tinham que combinar, dar e aceitar sugestões, proporcionando um elo de união, companheirismo, diálogo e muita interação para montar a caixa.

Para Piaget (1973, p. 88) cooperação seria,

(...)a própria ação desenvolvida em conjunto por vários indivíduos (fazer uma ponte, construir uma casa etc.) como espaço de interações infraestruturais (que chama também de subestrutura) e causais na vida coletiva.

A convivência, a reciprocidade, a troca, o respeito, enfim a cooperação fizeram parte desse processo de intercâmbio, integrando duas realidades diferentes e ao mesmo tempo parecidas.

O intercâmbio entre turmas foi na verdade um desafio que instigava não somente os alunos, mas também a professora que entusiasmava-se com cada produção da turma. Cada produção era um crescimento e uma descoberta para o educando e educador.

De acordo com Maturana (2002, p.13)

A tarefa da educação escolar é permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade e liberdade na comunidade a que pertencem.

As atividades realizadas durante o intercâmbio não só integraram trabalhos no contexto da alfabetização propriamente dita, mas seguiu o caminho da interdisciplinaridade e dos temas propostos.

A proposta não visou apenas o simples desenvolvimento de atividades, mas o desejo de propor desafios que instigassem as crianças, respeitando e valorizando as diferentes hipóteses que cada um constrói e resgatando as experiências pessoais em contato com a realidade e conhecimentos prévios acumulados.

A cooperação ficou evidenciada durante todo o processo de intercâmbio, seja nos momentos de construção da caixa, nos momentos de discussão, de troca ou nas produções de vídeos. Os educandos e inclusive o educador, puderam perceber o quanto cresceram em termos de interação, colaboração e cooperação. Tais competências estiveram presentes intensamente no grupo durante todo o processo de intercâmbio entre escolas, no qual todos trabalharam juntos, compartilhando experiências em função de objetivos comuns.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência do intercâmbio foi um aprendizado tanto para os educadores quanto para os educandos das duas escolas. Ao educador possibilitou crescimento na criação de estratégias novas, capazes de oferecer elementos que caracterizam o trabalho pedagógico inovador das TICs. Assim, mesmo sem ter disponível o uso da tecnologia, os processos de troca cognitiva, afetiva e social foram realizados com este intercâmbio. Aos educandos, acredito ter sido algo ainda maior, pois além do primeiro contato deles na escola significar um crescimento, tiveram, aliado a este, a possibilidade de conhecer a realidade de outros alunos de outra comunidade. Os alunos puderam construir coletivamente seu conhecimento e crescer no aspecto de trocar, colaborar e cooperar.

A cooperação fez parte de todo o processo, possibilitando uma visão mais ampla, onde os educandos tinham que combinar dar e aceitar sugestões, fortalecendo elos de união, companheirismo, diálogo e muita interação para montar a caixa. Essa interação também mostrou que podemos crescer e aprender muito mais construindo e cooperando, deixando o “eu” e usando o “nós”.

Este intercâmbio possibilitou, também, verificar o quanto podemos como educadores proporcionar, aos nossos alunos, atividades diferenciadas, que exijam trocas cognitivas dentro e fora da sala de aula e, ao mesmo tempo, fazê-los construir conhecimentos e perceber o quanto podem aprender. Isso foi percebido nas produções de vídeos onde a maioria queria falar e apresentar a sua escola para os colegas da outra escola; nas produções de cartinhas e desenhos perguntando para a professora que letras teriam que usar para escrever tal palavra e, também, com a chegada da caixa da outra escola, onde os alunos tentavam ler e descobrir o que eles mandaram.

No início deste intercâmbio, nutri algumas expectativas relacionadas à participação dos alunos e também em função da falta de acesso às novas tecnologias em minha escola. As expectativas iniciais foram superadas, pois a empolgação dos alunos de querer mostrar sua escola e sua realidade foi muito grande e a de conhecer a outra escola foi maior ainda. A variedade e qualidade produzidas nas duas escolas atestam a validade de atividades que reúnam trabalhando juntos, professores e alunos de realidades diferentes.

Esta experiência ampliou o significado da constituição de um profissional da área da educação, complementou a formação acadêmica e me deu subsídios para uma atuação efetivamente democrática e transformadora.

Após esta experiência de intercâmbio na escola percebi a importância da formação continuada para o educador e o aprimoramento dos conhecimentos, das necessidades sociais, da investigação da própria prática e a busca de temas atuais.

Estou há 20 anos na sala de aula, aprendi muito nestes anos, mas o curso de Graduação de Pedagogia possibilitou-me um crescimento ainda maior. Aprendi que posso possibilitar ao meu aluno participar mais em aula, auxiliando-o na construção do seu conhecimento através de atividades investigativas que o façam pensar, criar, perguntar, descobrir e buscar, com o auxílio das novas ferramentas nesta construção, as TICs.

No intercâmbio entre escolas, consegui superar a falta da tecnologia, criando uma forma em que os alunos pudessem trocar com outra comunidade, ao mesmo tempo também inovando minha prática em sala de aula ao intercambiar as caixas, construindo um elo de cooperação e aprendizagem.

Mais que isso, é importante ressaltar que trabalhos dessa natureza, promovem o desenvolvimento de alunos com atitudes e habilidades necessárias para seu crescimento e fortalecimento como pertencentes a comunidades onde o respeito e a argumentação sob diferentes pontos de vistas são vistas como qualidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil – gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. História: Ensino de primeira à quarta série. I. 3. Geografia : Ensino de primeira à quarta série. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 114p.

COLL, C.; ONRUBIA, J. Evaluación de los aprendizajes y atención a la diversidad. In: Coll, C. (coord.). **Psicología de la instrucción: la enseñanza y el aprendizaje em la educación secundaria**. Barcelona: Horsori/ICE da Universidad de Barcelona, 1999.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido 30 anos depois. In: FREIRE. A. A.F. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não - Cartas a quem ousa ensinar**. 12ª ed. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993.

KISHIMOTO, M.T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez editora. 5ªed. São Paulo, 2001.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais infantis**. São Paulo: Vozes, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LA TAILLE, Yves de. Uma interpretação psicológica dos “limites” do domínio moral: os sentidos da restrição e da superação. In: **Educar em Revista**, Curitiba, n. 19, 2002. Editora da UFPR.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, ed. 34, 1999.

MAGDALENA, B. C. Ciência da natureza, matemática e tecnologia. A integração como padrão comum entre as ciências da natureza e a tecnologia. **Revista Integração das Tecnologias na Educação**, Brasília/DF, p. 51-53. 2005.

MATURANA, H.R. **As Bases Biológicas do Aprendizado**. Dois Pontos, Belo Horizonte, v.2, n.18, 1993.

MATURANA, H.; REZEPEKA, N. S. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATURANA R., Humberto; VARELA GARCIA, Francisco J; ACUÑA LLORENS, Juan. **De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Medicas: 1997. 138 p

MORAES, Raquel de Almeida. **Informática na educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORAES, M. C. **O Paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1998.

NUNES, Inês Cristina Tyska. Estágio. Disponível em:

<<http://inescristinaestagio.pbworks.com/ARQUITETURA-PEDAG%C3%93GICA>> Porto Alegre: UFRGS/FACED/PEAD, 2010.[s.p.].[Link de acesso restrito].

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1973.

PIAGET, Jean. Os procedimentos da educação moral. In: PARAT, S.; TRYPHON, A. (org). **Jean Piaget. Sobre a Pedagogia: textos inéditos**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1998.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VALENTE, José Armando (Org.). **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: Edunicamp, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo. Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

APÊNDICE 1

REFLEXÃO SEMANAL

17 a 21 de Maio de 2010

Esta semana foi muito tranquila e produtiva, a história "**A Caixa Maluca**" fez o maior sucesso. Estavam curiosos para saber o que tinha dentro da caixa e adoraram o final da história, deram muitas risadas.

Escolhi esta história devido estarmos organizando uma caixa para os colegas da outra turma de 1º ano e de todos estarem ansiosos para abrir a caixa que virá da outra escola. Quando comecei a contar a história associava à caixa que receberemos, "o que será que encontraremos na caixa?" Como Paulo Freire disse "**Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino**", vi bem isto

Na quinta-feira realizei o jogo de boliche, todos os alunos jogaram, pouquíssimos alunos não associaram o número e quantidade, na verdade 3 alunos. O jogo terminou mais rápido do que pensei, por isso depois da folha do nome (colar palitos de picolé embaixo de cada letra), os alunos desenharem livremente após o lanche. O que mais me chamou a atenção é que a maioria desenhou a família. Um aluno desenhou a avó que está hospitalizada, a fez deitada numa cama.

A visita das professoras Célia e Nazaré foi ótima, me passaram muita tranquilidade e segurança. Eu estava muito ansiosa, mas foi muito melhor do que imaginei, graças a Deus!

Disponível em: <http://inescristinaestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-da-6%C2%AA-Semana#>

APÊNDICE 2

REFLEXÃO SEMANAL

19 a 23 de Abril de 2010

Esta semana trabalhei com minha turma a temática “Eu e o outro”. Levei os alunos até a biblioteca da escola e contei a história “*Uma Joaninha Diferente*”, sobre uma joaninha que nasceu sem as bolinhas e não aceita por ser diferente. No decorrer da história questionei os alunos, se no dia-a-dia devemos tratar diferente um colega por usar óculos, ser mais gordinho, ser negro ou, por exemplo, estar numa cadeira de rodas? Todos responderam que não, alguns disseram que devemos aceitar os colegas como são. Aproveitei para falar que às vezes não deixamos um colega participar de uma brincadeira ou de sentar no nosso grupo, será que estamos respeitando o outro agindo desta forma?

Continuei associando a história da joaninha que não a aceitavam por não ter bolinhas e da ideia que ela teve de pintar um besouro fazendo as outras acreditarem ser uma joaninha só por ter bolinhas.

Depois da hora do conto voltamos para sala de aula e cada aluno fez um desenho sobre a história.

Retomamos falando sobre o índio, sobre a importância do índio na nossa cultura, e como é visto em nossa história e nos dias de hoje. Pretendo trabalhar o índio a semana inteira para mostrar aos alunos a importância do índio em nossa história e por ser um tema que todos devemos trabalhar legalmente, de acordo com:

Art. 1o

O art. 26-A da Lei no 9.394, da LEI Nº 11.645, DE 10/03/2008 e 20/12/1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 26-A

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da

história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Independente de ser lei sempre trabalhei nestes 19 anos de sala de aula a cultura afro e indígena durante todo o ano letivo em sala de aula.

Depois de conversar com a turma montamos um índio, um aluno deitou (Leonardo) no chão sobre um papel pardo e a professora contornou o corpo, onde foi recortado em volta. Após cada aluno desenhou as partes do corpo do índio e colocou as penas e outros enfeites. Ficou um amor o nosso “Índio Cara Pálida” nome escolhido pela turma para o índio, coloquei pendurado no varal na sala de aula. Durante a atividade, os alunos participaram de uma forma espontânea onde cada um queria contribuir.

E segundo Freire (1996, p. 46),

“uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar”.

Outra atividade significativa foram as atividades com foto dos colegas da turma, onde tinham que pesquisar no mural da turma o nome do colega para escrever ou colocar a letra inicial. Também tinha uma atividade de número e quantidade envolvendo fotos dos colegas. Eles ficaram ansiosos para mostrar aos pais quando chegassem em casa. O filme “Kiriku e a Feiticeira”, infelizmente não foi possível passar aos alunos, pois o monitor da escola não conseguiu colocar o som, tentou de várias ?? mas não teve jeito. Tive que mudar o planejamento onde retomei o tema “índio” e criamos um texto coletivo sobre o boneco. Este foi texto criado pela turma.

ÍNDIO CARA PÁLIDA
O ÍNDIO CARA PÁLIDA MORA NA FLORESTA.
ELE GOSTA DE DANÇAR, CAÇAR DE ARCO E FLECHA, PESCAR E CUIDAR DA
NATUREZA.
ELE É MUITO LEGAL E ENGRAÇADO.
AUTORES: ALUNOS DA TURMA 113

Levarei o texto digitado para cada um colar no seu caderno na segunda-feira. Deixarei um texto também em tamanho maior para colocar no varal da sala de aula.

Como dizia Paulo Freire, “comunicar-se com os alunos é altamente positivo, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis e críticos”. Ainda:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. ...o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 1996, p.59).

Disponível em: <http://inescristinaestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-da-2%C2%AA-Semana#>

APÊNDICE 3

REFLEXÃO SEMANAL

7 a 11 de Junho de 2010



Esta semana foi muito divertida e produtiva. Foi além do que eu tinha planejado.

Iniciei a semana terminando o painel dos colegas da outra escola, a turma participou fazendo comentários sobre as fotos e desenhos. Com isso conseguimos finalizar a atividade da caixa (intercâmbio entre escolas).

A hora do conto da semana foi sobre o livrinho “Espantomigo, o espantalho rabugento”, a história de um espantalho que tinha o sonho de ter amigos mas sempre acabava espantando quem tentava chegar perto. Levei o boneco do espantalho onde cada aluno pode pegar no colo e brincar, todos estavam ansiosos para chegar sua vez. O boneco passeou pelos grupos e ficou durante a semana sentado numa cadeira em frente ao quadro de giz, a interação foi grande, pois todos os dias os alunos o cumprimentavam-no dando-lhe "Bom Dia". Com a história conversamos sobre amizade, confeccionamos um espantalho com pratinho plástico e papel colorido (ficaram lindos!) e fizemos filmagens dos alunos contando histórias

sobre espantalhos, poderia ser do livro ou inventadas. Foi muito divertido. No dia da “contação de histórias” a tutora Simone nos fez uma visita e assistiu algumas dessas histórias, os alunos nem ficaram constrangidos e continuaram a atividade. Fiquei muito feliz com o resultado e já pensei em continuar nas outras semanas ampliando a atividade para dramatizações e contação de histórias.

Ao ler uma história, a criança desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, "cutucada" querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião. Isso não deve ser feito somente uma vez ao ano, mais deve fazer parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo.

Abramovich (1997) sugere que, é preciso saber se gostou ou não do que foi contado, se houve concordância ou não com o que foi contado... É perceber se ficou envolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho, é formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a apreciar, a amar um autor, um gênero, uma idéia etc.).

Por isso tenho certeza que a história contada nesta semana foi muito significativa.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil – gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

Disponível em: <http://inescristinaestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-da-9%C2%AA-Semana#>

APÊNDICE 4

REFLEXÃO SEMANAL

31 de Maio a 2 de Junho de 2010

A semana foi muito curta, apenas três dias. Mas foi uma semana muito rica e cheia de expectativa.

A caixa da outra escola chegou! A caixa é linda, toda colorida, cheia de fotos de alunos por fora, ficamos ansiosos para ver o que tinha dentro da caixa. Quando abrimos encontramos fotos, bilhetes, cartazes e um cd com filmagem realizada pelos alunos.

Vimos muitas coisas em comum como folhas e cartazes sobre o índio também.

Esta semana pude ter certeza que foi uma ótima ideia ter feito a caixa, pois foi uma forma de integrar escolas, de conhecimento, de troca e principalmente de aprendizagem.

Esta semana pretendo assistir com os alunos a filmagem da outra escola e de terminar o mural com as fotos de nossos novos coleguinhas.

Disponível em: <http://inescristinaestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-da-8%C2%AA-Semana>

APÊNDICE 5

Fotos

Figura 1 - Caixa que enviamos



Figura 2 - Caixa que recebemos

